155 **ESTIMAÇÃO DO GRAU DE MISTURA INTERÉTNICA EM INDÍGENAS BRASILEIROS: COMPARAÇÃO ENTRE MÉTODOS.** *Sabrina P. Salamoni, Francisco M. Salzano e Sidia M. Callegari-Jacques* (Departamento de Genética, Instituto de Biociências, UFRGS).

As populações indígenas sul americanas propiciam excelente oportunidade para estudos de evolução humana.No entanto, as análises utilizadas supõem que estes grupos possuam pouca ou nenhuma miscigenação com outras etnias.Vários métodos foram propostos para medir o fluxo gênico entre populações indígenas e não-indígenas.O presente trabalho tem por objetivo comparar dois desse métodos, que se baseiam, respectivamente, na distribuição (de Poisson) de alelos marcadores de caucasóides e negróides, que são raros em grupos indígenas (Método I, de E.J.E.Szathmary e T.E.Reed, 1978) e na estimação por mínimos quadrados da proporção de mistura usando sistemas genéticos polimórficos e idiomórficos (Método II, de R.Chakraborty, 1985). Foram estudados 39 grupos indígenas brasileiros, com número de sistemas genéticos que variou de 6 a 15 quando se usou o Método I e de 9 a 24 quando se empregou o Método II. Os valores de miscigenação estimados variaram de 0 a 13,6% com o Método I e de 0 a 43,7% com o Método II. A correlação entre estimativas obtidas pelos dois métodos foi baixa, verificando-se que os resultados obtidos pelo Método I são mais coerentes com as experiências de campo de um de nós (FMS). A correlação parcial não-paramétrica entre grau de mistura calculado por este método e a longitude oeste, controlando por efeitos de latitude, foi de $r_S = -0.54$ ($p < 0.001$), o que evidencia uma tendência de maior miscigenação no leste do país, de acordo com os movimentos gerais de colonização neo-brasileira. (FAPERGS, Propesq, CNPq)